**Pesquisa do tipo etnográfica: construindo percursos éticos para ouvir as vozes das**

**crianças**

*Vanessa Helena Seribelli[[1]](#footnote-1)*

Trabalho financiado por CAPES

 **EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

Este é um recorte de uma pesquisa a nível de mestrado, já finalizada, desenvolvida junto ao PPGE da UNESP de Presidente Prudente. O objetivo é apresentar a metodologia utilizada e os instrumentos de coleta de dados utilizados junto às crianças. O norteamento teórico utilizado foi a Sociologia da Infância em diálogo com a abordagem de Reggio Emilia e a metodologia empregada, foi a pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. Foi possível inferir que pesquisas com propostas etnográficas, quando bem planejadas, compreendem as crianças como sujeitos sociais em todos os seus aspectos.

Palavras-Chave: Criança; Pesquisa com crianças; Metodologia; Protagonismo infantil.

**INTRODUÇÃO**

O intuito deste trabalho é realizar um recorte específico da metodologia da pesquisa já concluída, isto é, dialogar sobre as técnicas de coleta de dados utilizadas junto às crianças, no entanto, farei um breve esboço do que foi a pesquisa como um todo e após esta introdução, trarei o texto de subtítulo “Metodologia de pesquisa com crianças: instrumentos de coleta de dados”.

Esta foi uma pesquisa a nível de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia “Julio de Mesquita Filho” – Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Presidente Prudente. A partir de observações realizadas enquanto professora da escola investigada, alguns questionamentos surgiram: o contexto educativo considerava as crianças como seres em devir, receptores da cultura adulta e por isso indivíduos que só são considerados como cidadãos quando deixam de habitar a infância, adultos em miniatura, tábulas rasas que necessitam ser preenchidas com a cultura escolar, ou as consideravam como sujeitos de direitos, ouvindo e fazendo valer suas vozes por meio de contextos de participação?

Estas inquietações, constituíram o problema de pesquisa. Sendo assim, a proposta era realizar um estudo em que as crianças fossem os principais sujeitos, possibilitando meios para que elas pudessem manifestar suas concepções. O principal objetivo da pesquisa, foi analisar as concepções das crianças e professoras sobre o que é ser criança, na tentativa de compreender se os direitos infantis eram garantidos ou negados no contexto educativo. Para alcança-lo, os objetivos específicos elaborados foram: compreender a trajetória histórica da infância e das crianças e as concepções que se tinham delas; analisar nas produções acadêmicas que tinham como sujeitos de pesquisa as crianças, a metodologia utilizada, isto é, a maneira como estas foram abordadas nas pesquisas; investigar os direitos fundamentais das crianças no Brasil do ponto de vista legislativo e analisar os dados obtidos na pesquisa, à luz da sociologia da infância em diálogo com a abordagem de Reggio Emilia.

Participaram da pesquisa, duas professoras de educação infantil e 53 crianças com idade de cinco anos. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. As técnicas elaboradas para a coleta de dados com as professoras foram: o *questionário*, a *observação* e a *entrevista semiestruturada*. Com as crianças: a *observação*, a *produção de desenhos comentados*, *rodas de conversa* e *histórias para completar*. O estudo teve respaldo teórico na Sociologia da Infância em diálogo com a abordagem de Reggio Emilia.

Os resultados foram categorizados e apontaram a necessidade de se pensar em práticas educativas que respeitem as especificidades da infância, garantindo que as crianças sejam ouvidas, que possam participar das tomadas de decisões no contexto educativo, que desfrutem da ludicidade, autonomia e criatividade, e que, como sujeitos de direitos, tenham garantido, o direito a ser criança, para isso, é preciso que se pense na problemática da formação docente, haja vista que a maior parte dos dilemas encontrados no tocante à educação infantil, são resultados da má formação de professores que trabalham com crianças de 0 à 6 anos.

**Metodologia de pesquisa com crianças: instrumentos de coleta de dados**

Tomar a decisão de desenvolver uma pesquisa, cuja metodologia considera as crianças como participantes reais e não apenas informantes, não é tarefa das mais fáceis. Isto porque, investigações do tipo, ainda são relativamente recentes, o que requer do adulto pesquisador, a necessidade de abandonar algumas concepções estabelecidas ao longo de sua formação, a respeito das crianças.

Em busca de ouvir as crianças em suas diversas manifestações, a metodologia adotada, foi a pesquisa do tipo etnográfica. André (1986) apresenta alguns elementos necessários para este tipo de pesquisa:

1. O papel da teoria na construção das categorias; 2. Respeito aos princípios da etnografia, como a relativização (centrar-se na perspectiva do outro), o estranhamento (esforço deliberado de análise do familiar como se fosse estranho) e a centralidade do conceito de cultura; 3. Trabalho de campo apoiado em observação planejada e em registros bem elaborados; 4. Uso da triangulação; 5. Articulação entre o particular e o geral, entre o micro e o macro social. (ANDRÉ, 1986, p. 129).

Outro elemento que merece destaque na pesquisa do tipo etnográfica é que, em relação às crianças, ela permite que estas, sejam participantes que atuam de forma competente na pesquisa, o que de acordo com Sarmento (2004 apud Delgado e Muller, 2005) rompe com a ideia predominante de pesquisa sobre criança, e permite que se pesquise junto à criança.

Os caminhos metodológicos, que configuraram esta pesquisa, foram elaborados na intenção de compreender as numerosas particularidades da infância. Muito se ouve sobre adultos que pesquisam sobre crianças e sua categoria geracional, no entanto, os estudos a partir da voz das próprias crianças não ocorrem na mesma proporção. Nesta perspectiva, justifico de antemão que não pesquisei somente com as crianças, mas também com suas professoras, buscando confrontar as concepções adultas e infantis sobre questões como direitos, protagonismo, escolarização, entre outros aspectos, na intenção de compreender se as concepções das crianças eram consideradas ou não no contexto educativo.

Desta forma, apresento a seguir os instrumentos metodológicos utilizados junto às crianças. Os instrumentos utilizados com as professoras não serão abordados, pois não se enquadra no objetivo deste recorte.

**Observação**

Segundo Zanelli (2002), ao lançar mão da observação como instrumento de coleta de dados, o pesquisador entra no cenário da pesquisa, conseguindo melhor compreender a complexidade do ambiente, e ao mesmo tempo estabelecer diálogos competentes com os sujeitos pesquisados. Ainda de acordo com o autor, a observação é a técnica mais adequada quando se pretende analisar comportamentos espontâneos, ou seja, captar atitudes não verbais. Dessa forma, fundamentada em Zanelli (2002), infiro que a observação trouxe uma colaboração ainda mais relevante, no tocante as crianças. Na observação, foi possível analisar os comportamentos das crianças, considerando que, estas, comunicam-se não apenas oralmente. Os episódios de observação foram organizados da seguinte forma:

1. Episódios de observação do brincar;

2. Episódios de observação da relação professora-criança;

3. Episódios de observação da relação criança-criança;

4. Episódios de observação das atividades realizadas em sala;

5. Episódios de observação do lugar da criança na escola.

**Rodas de conversa e Histórias para completar**

Os estudos de Carvalho et al. (2004, p. 291-292), sobre esse tipo de instrumento, revelam que

A entrevista com crianças é uma técnica ainda relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque, usualmente, pensa-se a criança como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Com um conhecimento sobre a criança cada vez mais acurado, essa suposição tem sido questionada e tem sido explorado, crescentemente, o uso da entrevista com crianças.

Ainda de acordo com a autora, é preciso que o pesquisador desenvolva maior sensibilidade ao ouvi-las, isto é, ouvi-las além da oralidade, sendo capaz de apreender as informações declaradas em suas diferentes manifestações. Nesta perspectiva, a adaptação, nas entrevistas, foi elaborada abordando os seguintes elementos:

1. Ser criança

2. O mais legal e o mais chato em ser criança;

3. As crianças do bairro;

4. Os direitos mais importantes das crianças;

5. Um dia na escola.

As rodas de conversa e histórias para completar contemplava as questões norteadoras supracitadas, e as crianças deveriam dar sequência, completando a história e deixando suas concepções em evidência. A condução dos diálogos era realizada, buscando não interferir nas respostas dos sujeitos pesquisados. Todos os grupos tiveram suas entrevistas gravadas, afim de que nenhum detalhe fosse esquecido nos momentos de transcrição e análise.

**Produção de desenhos comentados**

As experiências docentes e a observação atenta das crianças me permitiram considerar o fato de que a maioria das crianças tem prazer em desenhar. Partindo dessa constatação e considerando que o desenho é uma das principais formas de linguagem das crianças, optei por utilizá-lo como instrumento na coleta de dados junto a elas.

As pesquisas de Gobbi (2002) mostram que ouvir as crianças enquanto elas desenham, auxilia o investigador em seu processo de interpretação e análise. De acordo com a autora, os desenhos das crianças pequenas podem não ser nitidamente representativos, tornando a leitura deste material mais difícil ao pesquisador. Nesta perspectiva, o desenho, aliado à fala, traz colaborações para o processo de interpretação dos dados, pois são nos diálogos que as crianças deixam perceptíveis suas representações no ato de desenhar. A técnica de produção de desenhos foi elaborada em torno das mesmas questões utilizadas na técnica das rodas de conversa e histórias para completar.

Em relação as questões éticas da pesquisa, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE) assinado pelos responsáveis, foi elaborado um Termo de Assentimento específico para as crianças, adequado às suas linguagens, contendo todas as informações a respeito do que se tratava a pesquisa e como seria a participação delas. Todas aceitaram participar.

Os dados obtidos, através das técnicas utilizadas, passaram pelo processo de triangulação, e depois de sistematizados, apontaram para a construção de quatro categorias seguindo o critério de categorização semântica de Bardin (1979):

Categoria I – Escolarização - O direito das crianças a serem crianças;

Categoria II – Vozes silenciadas – O direito das crianças a serem ouvidas;

Categoria III – Participação – O direito das crianças a participarem da organização da escola;

Categoria IV – Brincar – O direito das crianças à brincadeira, autonomia e criatividade.

Ao final deste recorte, que tratou especificamente dos procedimentos tecnológicos utilizados junto às crianças, é possível inferir que, para dar fidedignidade aos resultados colhidos, é necessário adaptar algumas técnicas, além de lançar mão de mais de uma delas, podendo assim realizar o exercício da triangulação dos dados, o que muitas vezes não é feito pelos pesquisadores, arriscando os resultados à interpretações equivocadas.

Além disso, fazer pesquisa com crianças e não somente sobre elas, é reconhece-las enquanto sujeito de direitos, capaz, inteligente, criativa, que atua no mundo em que vive e a partir de suas vozes, sabe interpretar seus mundos de vida. Como aponta Sarmento (2004), descentralizar o adultocentrismo tão fortemente enraizado e colocar a criança no centro do processo é fazer valer os eixos estruturadores das culturas da infância.

**REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CARVALHO, Ana Maria Almeida et al. **O uso de entrevistas com crianças**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago. 2004.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas Linguagens de Meninos Meninas no Cotidiano da Educação Infantil**. Agosto/2010. Disponível em: portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6678&option>Acesso em: 10 de nov. de 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. ***Crianças e miúdos:* perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

WOODS, Peter. **La escuela por dentro. La etnografia em la investigación educativa**. Barcelona: Edicones Paidós, 1989.

ZANELLI, José Carlos. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos de Psicologia, v. 7, p. 79 - 88, 2002.

1. Breve nota de apresentação. Pedagoga (Universidade Estadual Paulista / UNESP, campus de Presidente Prudente - SP), Mestre em Educação (Universidade Estadual Paulista / UNESP, campus de Presidente Prudente - SP). Campo Grande, MS, Brasil. Contato: vanessa\_seribelli@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)